

A VIDA NOS CORTIÇOS: O CÔMODO E O INCÔMODO PANORAMA DO ATENDIMENTO HABITACIONAL NO CENTRO DE SANTOS

**LARISSA OLIVEIRA GONÇALVES DE ARAÚJO
MARIENE DOS SANTOS PEREIRA**

Resumo

Este trabalho descreve o processo histórico da cidade de Santos no período entre o final do século XIX e início do século XX, com o foco no surgimento dos cortiços no município. Traz conceitos do que representa esta forma de morar a partir de diversas óticas, e descreve os desdobramentos nos aspectos subjetivos desta população.

Aponta como possibilidade de enfrentamento a essa realidade um atendimento habitacional apropriado, situando algumas iniciativas existentes que se concretizaram, e as que atualmente estão sendo implantadas: Programa de Atuação em Cortiço e Alegria Centro Habitação. Avaliamos o processo de implantação destes dois programas, ressaltando as dificuldades e os pontos positivos do mesmo, relacionando com as expectativas do público alvo.

Palavras-chave: Serviço Social – Cortiços – Habitação – Programa de Atuação em cortiços – Alegria Centro Habitação.

Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar o tipo de atendimento oferecido, através de programas destinados a população residente em cortiços no município de Santos, relacionando com as expectativas da mesma. Especificamente, buscamos contextualizar o processo histórico que resultou no surgimento dos cortiços no município, captar qual é a idéia que se tem do que ele é,

Utilizamos a pesquisa como eixo estruturador de todo o estudo, e por isso teve vários grupos de sujeitos, e é composta de fonte primária e secundária. Todos os capítulos foram enriquecidos com depoimentos de moradores, profissionais, lideranças que tem algum envolvimento com a realidade e que deram vida ao corpo do trabalho.

Por isso iniciamos com a contextualização da pesquisa, que fala dos grupos de sujeitos e descreve o objetivo da abordagem de cada um.

O primeiro capítulo, *Um breve histórico da cidade de Santos*, conta o processo histórico de Santos que resultou no surgimento dos cortiços e faz uma relação com a situação atual do centro histórico e com outros fatores que foram determinantes na questão.

O segundo, *Conceitos: Cortiço*, aborda alguns conceitos do que é cortiço para autores que estudam o tema, para o poder público através de suas leis e projetos, e situamos o cortiço como um território.

O terceiro, *Cortiços e aspectos subjetivos*, elenca quais os aspectos subjetivos característicos deste modo de habitar.

Por fim, o quarto capítulo, *Atendimento habitacional à cortiços em Santos*, traça um panorama da implantação dos dois programas voltados ao atendimento de cortiços e avalia quais os pontos positivos e as dificuldades a serem enfrentadas.

Consideramos, a partir deste estudo, o quanto essa população aguardou durante anos por atendimento e pela possibilidade de ser atendido, da maneira que for. Isso traz uma esperança e expectativa nos moradores e o quanto eles são fragilizados na relação com a moradia e outros apontamentos que serão melhor esclarecidos no decorrer deste trabalho.

Contextualização da pesquisa

Buscamos detalhar quais os grupos de sujeitos abordados esclarecendo qual o objetivo de trabalhar essas vertentes.

- [Moradores atendidos pelo Programa de Atuação em cortiço - PAC](#)

Objetivos: compreender a visão dos moradores de cortiços em relação a sua moradia, captar sentimentos relacionados à moradia e identificar as expectativas da população residente nos cortiços de Santos em relação ao atendimento habitacional a esta demanda.

- [Profissionais ligados ao poder público, que participaram de iniciativas de possíveis intervenções na área central e nos cortiços de Santos.](#)

Objetivos: traçar um panorama das iniciativas de intervenção habitacional existentes no município de Santos e colher a percepção do que é cortiço para estes profissionais.

- [Lideranças que representam os moradores da área e que lutam e idealizam projetos de enfrentamento à realidade de suas moradias.](#)

Objetivos: entender quais os trabalhos desenvolvidos por lideranças locais voltados para luta de moradia, constatar se existe alguma conquista efetivada através destas lutas, compreender o que significa a luta por moradia digna a moradores de cortiços, sendo parte desta realidade e colher a percepção do que é o cortiço.

- [Profissionais ligados à implantação do Programa de Atuação em Cortiços em Santos](#)

Objetivos: Captar a percepção destes profissionais em relação à implantação do PAC em Santos, e quais as peculiaridades deste contexto, saber qual é a avaliação da implantação do PAC em Santos, detectar os desafios, facilidades e perspectivas em relação PAC e a implantação do programa no município, compreender a importância de técnicos sociais serem responsáveis pela execução do programa e colher a percepção do que é o cortiço para este segmento.

Capítulo I – Um breve histórico da cidade de Santos

O município de Santos localiza-se no litoral do Estado de São Paulo, ocupando uma área de 280,300 km², tendo uma população de 417.518 hab. (segundo dados do IBGE).

Em seu início, a cidade foi povoada na região do bairro que hoje conhecemos como Valongo, que se desenvolveu como comercial e residencial. Porém, por volta de 1850 a cidade começa a tomar novas proporções, ocupando outras regiões, dentre elas Vila Nova e Paquetá.

Com o crescimento dos negócios, o comércio cafeeiro precisou de mais espaço. O transporte e estocagem das sacas de café fazem surgir inúmeras cocheiras e vastos armazéns, que passam a ocupar principalmente os antigos casarões do bairro do Valongo. A população que antes vivia nessa área da cidade muda-se para uma nova área, mais sofisticada: a Vila Nova. Para o Paquetá se mudam o Mercado Municipal e o Hospital da Beneficência Portuguesa. Além disso, a primeira linha regular de bonde em direção à Barra facilita a ocupação de áreas à beira-mar, onde os cidadãos mais abastados começam a manter suas chácaras e casas de verão. (Viva Santos-o site da cidade <http://www.vivasantos.com.br/10/10a.htm>)

Com isso, esta área foi dotada de uma estrutura de comércio, saúde e transporte, que auxiliou no desenvolvimento deste bairro, onde se instalaram as famílias abastadas. Assim sendo, os bairros Vila Nova e Paquetá passam a abrigar a elite santista, em casarões de alto padrão, tornando-se o local mais rico de Santos no início do século XX, conhecido como Vila Rica, pois ali se localizavam os mais finos palacetes.

Ao findar a primeira década do século XX Santos conservava ainda todo o seu antigo aspecto colonial, com ruas estreitas e tortuosas, sobrados acanhados, casas baixas e de largos beiras. Mas, toda a gente, entretanto, concordava que Santos estava se transformando, crescendo continuamente, a sua população, intensificando-se patentemente a vida urbana, surgindo usos e costumes novos... Confiava-se no futuro da cidade. A cidade foi se constituindo a partir de múltiplas mudanças vivenciadas como novas experiências pelos seus moradores. A sua vida ficou mais agitada, o seu comércio mais intenso. Para ela afluíram milhares de novos moradores... (LANNA, 1996:31,32)

Destes moradores que vieram compor a população da cidade, muitos deles eram imigrantes, que viam no desenvolvimento do porto, uma oportunidade de trabalho.

A população da cidade de Santos compunha-se basicamente de imigrantes, principalmente de origem portuguesa e espanhola, de escravos que aí chegaram nos anos finais da luta contra escravidão, e de nacionais (LANNA, 1996:67)

Nesta fase, o porto passava por uma reforma significativa, que gerou muitas tensões, mas que fez com que a área de cais ganhasse grandes proporções, e torna-se o porto um marco de desenvolvimento. Até então, a imagem do porto não era a mais favorável, visto que as condições de salubridade eram as piores possíveis – agravadas pelas características geográficas da cidade. O porto era a porta de entrada de grandes epidemias e doenças, por exemplo, a febre amarela, que se fixaram no país, tornando a questão de sua adequação uma preocupação nacional.

A reforma e a ampliação dos serviços portuários significavam, necessariamente, uma interferência no espaço da cidade. Reformar o porto incluía reformar o sistema de transporte e redes de serviços a ele associado, a rede de moradia e ocupação urbana. A sua demanda por trabalhadores colaborou para o adensamento e precariedade das habitações. (LANNA, 1996:62).

Este adensamento caracteriza o início da proliferação das casas de cômodos em Santos, que pelo fato da área central estar próxima ao porto, a elite percebeu que estar ao lado do foco das doenças e pestes que chegavam na cidade através dele não era uma boa idéia. Por isso muitos deles foram embora ou então começaram a habitar outras áreas da cidade.

[...]aqueles que puderam, abandonaram a cidade, foram para São Paulo, onde a febre não se fixara. Se necessário, se deslocariam por trem para a baixa litorânea, durante o dia, quando o risco de infecção era menor (CRUZ, HATEM. 1985:65).

É nesse contexto que se inicia a degradação deste bairro, através da utilização das casas que até então eram da população mais nobre da cidade, e que a partir deste momento passariam a abrigar os trabalhadores que tinham como única opção alugar cubículos e se sujeitar a condições de insalubridade que estas os condicionavam.

Capítulo II – Conceitos: Cortiços

Em qualquer dicionário da língua portuguesa que procurarmos a definição de **cortiço** não veremos muita diferença de *aglomerado de casas que serve de habitação coletiva para a população pobre, ou habitação coletiva das classes pobres*. Porém, um cortiço é muito mais que isso, é um modo de morar, de viver de uma parcela da população que já tem essa cultura interiorizada. É neste ponto de vista que iremos buscar os conceitos referentes ao tema e que balizaremos a análise destes. Também vamos buscar avaliar os cortiços, como algo que integra a malha urbana e como realidade a ser estudada, entendida para a busca de alternativas concretas para essa questão habitacional.

Levando em conta a área estudada, o centro de Santos, temos cortiços como casas antigas, que pertenceram a uma parcela rica da população, entre o final do século XIX e início do século XX, que perderam seu valor imobiliário devido a nova configuração que se instalava na cidade, e que foram adaptadas para que cada cômodo abrigasse uma família. As áreas como banheiro, cozinha, áreas e corredores são de uso coletivo. Os proprietários destes imóveis alugam para alguém que irá sublocá-los. Essa pessoa, tem a função de “dono da chave” ou “intermediário”, que irá cobrar os aluguéis das famílias (que variam de R\$ 150,00 a R\$ 400,00). Dentro deste cenário, temos alguns aspectos que são relevantes como a **rotatividade**, que caracteriza-se pelo alto índice de mudança existente entre os moradores, que migram de cortiços para cortiços com muita frequência, a **deteriorização** dos edifícios que geram insegurança e perigo às famílias, a **insalubridade**, composta pelo excesso de lixo, tornando o local propício à proliferação de insetos e animais transmissores de doenças. A população residente é composta pelas mais diferentes composições familiares, sendo forte a presença de trabalhadores do porto, que alí residem pela facilidade de acesso ao local de trabalho. Muitos problemas são identificados como a dependência química, incluindo o alcoolismo, a prostituição, o desemprego, a violência doméstica, entre outros.

Os primeiros cortiços chegaram a levar o nome do famoso cortiço famoso no Rio de Janeiro que se chamava “cabeça-de-porco” com significado de “antro”. Este era o maior cortiço do Centro do Rio de Janeiro, com quase 4 mil moradores.

Piccini resume esta realidade em:

Todas as definições a que fizemos referência apontam como habitação precária coletiva de aluguel, as moradias das classes mais pobres, de baixo preço de aluguel, com específicos problemas de superlotação de moradores e co-

habitação forçada, localizadas principalmente em áreas próximas ao centro, de alta concentração espacial, sem verticalização, com instalações sanitárias em comum. (Piccini, 2007:26)

A percepção do que é cortiço é diferenciada a partir da visão e experiência de determinado segmento. Durante as entrevistas pudemos diagnosticar de forma mais clara como isso se dá no imaginário de cada grupo sendo que mesmo profissionais que lidam diretamente com esta demanda e que, quando foram indagados sobre o que é cortiço, se embaraçavam, pensavam, refletiam, e mesmo assim, em alguns casos, ainda titubeavam ao responder esta questão, mas quando refletiam respondiam da seguinte forma:

“Pra mim, tem uma coisa muito assim, vendo o concreto e o físico você pode dizer são habitações irregulares, que são adaptadas dentro daquilo que o morador tem condição de fazer, até porque o imóvel não é dele...E quando você vai ao dicionário, cortiço é tido como Cabeça de Porco, que é um nome muito pejorativo também. Você vê que desde o nascedouro dessas habitações coletivas elas são vistas como algo pejorativo, ou algo sujo, algo que parece que não tem muito conserto. Eu acho que é o modo de habitar, mais insalubre e mais desumano que existe, eu não consigo imaginar uma habitação tão pior.”

A., assistente social da Cohab Santista

“Tecnicamente ou emocionalmente? (...) Ninguém quer morar numa casa de cômodo, mas ao mesmo tempo, é que o que você tem ali, é um universo tão grande, você tem a pessoa que cria a relação de vizinhança, a pessoa que cuida daquilo que o chão tá brilhando que você enxerga se tem um cabelo caído no chão, você tem também cortiços que são super do mal, que é podre, sujo, que o pessoal não tem...eu já entrei em cortiço que tinha rato pulando no meu pé, que eu tive que sair correndo (...) Eu acho assim, a minha visão é que da degradação urbana é que o cortiço é a pior situação de habitação porque ele não cria esse vínculo do espaço (...) Então a questão humana é a pior na minha visão pra habitação.”

F., arquiteta da SEPLAN, que trabalharam na elaboração da Lei que regulariza o Programa Alegria Centro Habitação.

Para os moradores, está pergunta era mais fácil de ser respondida, pelo cotidiano vivenciado. Não que estes não relacionassem com características físicas também, mas sempre ressaltando o que isso significa em suas vidas, um exemplo é em relação à **superlotação**:

(...)“você não tem privacidade porque mora todo mundo num lugar só. A ocupação é mesma pra muita gente. Banheiro conjunto, é bem complicado. Complicado mesmo”

E., morador de cortiço há 6 meses e trabalhador do porto, casado, com três filhos.

(...)“*pra mim é uma coisa é com bastante gente , a pessoa não tem independência, muita gente...*”

C. moradora de cortiço há 35 anos, vendedora autônoma, mora com um neto, esposa do neto e uma bisneta.

“*É uma moradia coletiva, onde você tem que morar junto com todo mundo, que você não tem a sua privacidade*”.

M. moradora de cortiço há 37 anos, participa de movimentos de luta por moradias, casada, dois filhos.

“*O problema é ter um banheiro só pra todo mundo, tudo é comunitário, você não tem horário pra nada. Muitas vezes você sai atrasado porque não pode tomar um banho, essas coisas assim, entendeu? Que nem meu filho já tem 14 anos e é meio ruim assim pra trocar roupa na frente, e esses negócios.*”

F. moradora de cortiço há 18 anos, doméstica, solteira, com um filho.

Quanto às **condições de imóveis**, eles relatam:

“*É parede úmida, é vazamento, é elétrica condenada. Você não tem prazer nenhum de morar naquela casa. Você não tem prazer de arrumar nada, fica tudo bagunçado.*”

M. moradora de cortiço há 37 anos, participa de movimentos de luta por moradias, casada, dois filhos.

“*Porque essa casa está caindo, se você subir aqui você vai dizer: pode sair! A escada está caindo. Essa semana, essa moça, a Roseli, teve discussão com ele porque caiu um pedaço da escada lá e fui eu que arranquei.*”

N. morador de cortiço há 30 anos, aposentado, casado.

Mas também queremos ressaltar os aspectos subjetivos, que são levantados, e que na verdade, são desdobramentos desta condição de habitabilidade. Um ponto sempre discutido quando se fala sobre cortiços é a questão da falta de **privacidade** intrínseca ao mesmo, para os moradores, ela representa:

“*É a pior coisa viu, você não tem privacidade, não tem liberdade nenhuma*”

P. morador de cortiço há 2 anos, trabalhador do porto, casado, três filhos.

“*De amizade não tem do que reclamar, mas assim, a liberdade, tira a sua liberdade, tira a sua...não é liberdade, praticamente a sua intimidade...muitas vezes você tem vontade de trazer uma pessoa e não pode...essas coisas*”

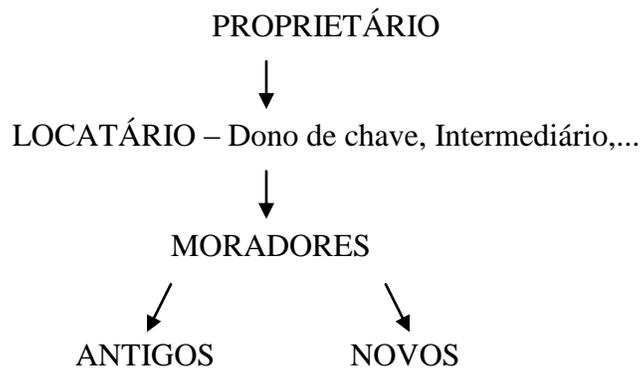
N. moradora de cortiço há 2 anos, mora com um filho.

Capítulo III – Aspectos Subjetivos

A dinâmica específica da vida nestas condições de habitabilidade desenvolve determinadas situações que fizeram com que a questão dos cortiços tornam-se ao longo dos anos cada vez mais complexa. Por isso vamos situar alguns aspectos concernentes a esta realidade que a tornam diferenciadas das outras questões habitacionais existentes no município.

3.1 – Relações de poder

As relações de poder existentes dentro deste micro-espço urbano. Essas dificilmente são relações harmônicas e justas, e permeiam o cotidiano dos atores que fazem parte deste contexto. A hierarquia existente entre estes sujeitos é basicamente esta:



PROPRIETÁRIO

Aluga suas propriedades, algumas vezes não sabendo qual será seu uso, mas na sua maioria sabem que são transformados em casas de uso coletivo.

São alheios ao que se passa no dia a dia dessas casas, e não prestam a assistência necessária aos moradores, sendo que esses não têm acesso direto aos proprietários.

“o proprietário põe uma pessoa que não é conveniente, o proprietário não tem condições de a gente conversar com ele. Porque essa casa está caindo, se você subir aqui você vai dizer: pode sair! A escada está caindo. Essa semana, essa moça teve discussão com ele porque caiu um pedaço da escada lá e fui eu que arranquei. Ele falou que não vai

reformular, ele não dá assistência nenhuma pra ninguém. Ele quer chegar o dia do pagamento, ele quer receber(...)Não é por causa que eu to mal aqui, é por causa do proprietário, porque se o proprietário fosse uma pessoa que tivesse condições...mas...”
N., morador de cortiço há 30 anos, aposentado, casado.

LOCATÁRIO – Dono de chave, Intermediário

Esses atores são peças-chaves no cortiço.

São eles que alugam as casas dos proprietários e sub-alugam para outras pessoas. Eles se relacionam no dia-a-dia diretamente com os moradores. Em sua maioria, também residem no cortiço.

Estes estabelecem uma relação de superioridade em relação aos “sub-inquilinos”, que nem sempre é justa e igualitária.

Ele vê na função que exerce uma atividade lucrativa, pois muitos deles conseguem um lucro de aproximadamente 500% do valor investido. Aproveitam-se da falta de formalização quando alugam, pois dificilmente há um contrato regular de aluguel. Esta situação faz com que os moradores fiquem sujeitos a alterações de valor, cobranças injustificadas, despesas como água, luz, que correspondem ao consumo total da casa, em muitos casos são cobradas as mesmas quantias várias vezes, sem uma subdivisão correta. *“Essa situação permite a coerção e/ou despejo dos moradores dos cômodos muitas vezes de forma violenta sem possibilidade de reclamações o que aumenta o fenômeno de rotatividade dos moradores de cortiços”*(Picinni, 2006:85). Por ser a pessoa que tem acesso aos proprietários, sem que haja uma comunicação dos moradores com o mesmo, ele se aproveita desta situação para exercer seu poder em relação aos que residem.

Os moradores pesquisados trazem essa questão da seguinte forma:

“E a responsável da casa não coloca chuveiro, e não quer colocar também, quer colocar só pra ela, eae fica nessa situação”

M., morador de cortiço há 10 anos, porteiro, solteiro.

“as vezes a dona do cortiço não deixa a gente ter liberdade. Se entra um amigo e a gente quer fazer uma festinha ela implica, quer cobrar água e luz separado porque as vezes os amigos vão”

P., morador de cortiço há 2 anos, trabalhador do porto, casado, três filhos.

MORADORES

Entende-se por pessoas que alugam cômodos destes cortiços pelos mais variados motivos

Essa não é uma opção ditada pela livre escolha, mas por contingências relacionadas principalmente à localização do imóvel frente às fontes de trabalho e serviços da cidade, às possibilidades de pagamento de aluguel, à falta de fiador como obriga a lei e a impossibilidade de comprovação de renda, entre outros (ibidem).

“Então quer dizer, é difícil. Não é fácil. Mas infelizmente é o que a gente acha que é mais barato, e simplesmente por ser mais barato. Mas se a gente achasse um lugar mais caro e tivesse condições de pagar, até era bom, mas infelizmente se a gente for pra um lugar mais caro, fica mais difícil a condição.”

P., morador de cortiço há 2 anos, trabalhador do porto, casado, três filhos.

“Pra mim um cortiço é um lugar ruim de morar, mas quando a gente não pode escolher um lugar melhor, tem que estar lá pra não ficar em baixo de uma marquise e não dormir na sarjeta.”

A., morador de cortiço há mais de 20 anos, servidor público, casado.

No município, muitos deles são trabalhadores do porto que optam pelo local devido a facilidade de acesso ao trabalho, muitos estão nos cortiços desde que migraram com seus pais entre as décadas de 60 e 70, e que ali permaneceram, muitos ficam por ser um território com inúmeros serviços de atendimento à população, e outros diversos motivos que fazem com que estes moradores permaneçam no bairro.

Eles representam a parte mais fragilizada de uma hierarquia. No cotidiano se submetem a situações degradantes, relacionadas às condições do cômodo, às regras (muitas vezes injustas, que favorecem uns e prejudicam outros), formas de pagamento, superlotação, expulsões arbitrárias, a não aceitação de crianças ou morador só, enfim, inúmeros casos que fazem com a individualidade de cada um vá sendo maculada de forma negativa cotidianamente.

“Se as casas são geralmente más, os proprietários e principais locatários as tornam ainda piores, pela gananciosa especulação a que se entregam.” (LANNA, 1996: 117)

Fica claro o quanto estas relações são danosas para os que têm que se submeter a elas. No dia-a-dia, a superioridade de uns em relação aos outros, faz com que os mais fracos tornem-se cada

vez mais fragilizados em relação aos detentores de um ilusório poder estabelecido através dos cortiços. Esta fragilização se expande para o convívio familiar, no trabalho, na comunidade, na escola, nos mais variados espaços sociais que o indivíduo faz parte.

Para os profissionais que atuam com esta população, faz-se imprescindível a percepção e reconhecimento destas teias de relações pertinentes a esta realidade para mensurar quais os reflexos destas na construção da subjetividade destes indivíduos e os desdobramentos nas relações familiares e sociais.

Faleiros (2007:50) descreve essa situação da seguinte forma:

“De acordo com o paradigma da correlação de forças, as mediações de poder e, portanto, de opressão, subordinação, discriminação, vitimização, fragilização, exploração são postas e pressupostas teórica e praticamente, implicando o compromisso ou engajamento dos assistentes sociais com o fortalecimento do oprimido no processo de enfrentamento de sua fragilização/patrimonialização, adotando-se a práxis da política mais vantajosa para as classes e camadas populares. Está é para nós a proposta de “empowerment”.

3.2 - Questão Social

A partir da experiência prática observamos algumas questões que são determinantes na vida dentro dos cortiços. Que apenas refletem o modo de vida imposto no meio em que vivemos, numa época em que muitos valores estão invertidos, sendo que o materialismo se sobrepõe em relação ao conhecimento, ao saber, o espiritual.

Sabemos que muitos destes moradores estão vivendo de trabalho informal, ou seja, sem nenhum registro, os fragilizando em relação aos direitos trabalhistas já conquistados, mas não acessíveis. Muitos são trabalhadores idosos que ainda se submetem ao trabalho na construção civil por saber da impossibilidade de obter a aposentadoria. Muitas mulheres vêm na prostituição uma saída para a dificuldade que enfrentam em encontrar um emprego que tanto sonham. Sem contar os jovens, que pelo fácil acesso que tem ao mundo do tráfico – muito forte na região – entram nesse caminho, o vendo como a única opção de alcançar os bens de consumos indispensáveis a felicidade, como é posto na mídia a todos os momentos.

A crise do consumismo também é muito forte, perceptível nos bens de consumo adquiridos, sendo que muitas vezes falta o alimento, mas não aparelhos dispensáveis a sobrevivência.

Ressaltamos ainda que diariamente este público é explorado na sua pobreza e fragilidade, sendo que muitos são expostos a cobranças abusivas de intermediários que se aproveitam da instabilidade ocasionada pela pobreza, e pela falta de um teto. Muitos deles quando despejados não tem para onde ir com a família e filhos, e o medo e a preocupação fazem com estes procurem alternativas difíceis para a superação desta vicissitude.

Outro ponto considerável é a reprodução das condições sociais existentes entre estes moradores que tem quatro, três, duas gerações de uma mesma família que há mais de quarenta anos se alojaram nos cortiços de Santos, desde que chegaram do Nordeste e de outras regiões com a perspectiva de melhoria de vida, e que pela falta de alternativa se utilizaram dos cortiços como moradia.

“Olha eu vim aqui com meus pais, eu tinha oito anos de idade. Então eu já morava assim em casa de cômodo, e elas chamavam de casa de cômodo, hoje em dia eles chamam de cortiço. E fiquei morando junto com meus pais até os vinte anos. E com vinte anos eu sai da casa dos meus pais, da Rua Amador Bueno, mas mesmo assim morando em cortiço, morei em porão. Minha vida toda quase foi morando em porão.”

M., moradora de cortiços há mais de 30 anos, doméstica, e hoje seus filhos e netos também moram em cortiços.

Muitas são as manifestações da questão social existentes nos cortiços. A compreensão da dinâmica existente neste micro-espço, que é também reprodução do macro em que está inserido, é imprescindível à qualquer profissional que lide cotidianamente com esta demanda, mas principalmente ao assistente social, que tem em seu projeto ético-político a visão da totalidade a partir de um processo histórico de longa duração, e dos desdobramento na vida das pessoas e na história que constitui cada uma delas.

3.3 – Inferiorização e desqualificação em relação ao modo de morar

Estes moradores sentem vergonha por morar em uma região que é desqualificada em relação aos outros espaços da cidade, é como se estes fossem inferiorizados diante uma sociedade que reconhece que morar no bairro onde há maior concentração de cortiços, representa

fazer parte de um grupo que historicamente está a margem da sociedade. Sendo que o senso comum enxerga apenas os componentes negativos desta realidade, sem levar em conta a outra face constituída de trabalhadores, famílias, relações de solidariedade. Em alguns casos, estes moradores não são apenas vítimas deste processo, são também co-responsáveis por ele.

“Você tem uma família que mora fora, que nem eu tenho um filho que mora no sítio, que eu tenho que ver, e coitadinho, tem que voltar correndo porque eu não tenho como acomodá-lo. Não cabe, eu uso dois cômodos. Ele vinha com os meus netos... eu nunca convidei minha família porque eu sempre morri de vergonha. Que nem, as vezes vinha estivador, amigo do meu marido, eu tinha até vergonha, entendeu? Tudo isso, porque é muita gritaria”

M.H., moradora de cortiço há 9 anos, casada, intermediária do cortiço em que reside.

Outro ponto relevante é que muitos dos profissionais que trabalham na região atendendo este público, contribuem para construção desta imagem negativa, tanto quando atendem e atuam, como na forma que explanam suas dificuldades cotidianas em outros espaços institucionais. E, algumas vezes, acabam repassando essa imagem negativa através do atendimento feito, sendo que muitos dos usuários percebem a discriminação na atuação dos profissionais.

O modo de vida concernente ao cortiço traz outra característica que é a falta de pertencimento em relação à moradia, gerada e conseqüência da instabilidade existente nesta forma de habitar.

“a gente percebia que eles deixavam tudo dentro de uma caixa de papelão, todas as vezes que nós íamos lá tinham uma caixas no chão, caixa de roupa, de louça, como se eles tivessem prestes a mudar no dia seguinte. Ai um dia a gente fez uma dinâmica e conversamos a respeito daquilo, porque aquilo ficava no chão, porque aquilo ficou meses no chão como se fizesse parte da mobília, da casa. E eles colocaram uma coisa que a gente nunca tinha parado pra pensar, é que na verdade eles sabiam que mais cedo ou mais tarde eles teriam que sair dali assim como aconteceu em outros lugares que eles não teriam condição de pagar o aluguel por muito tempo e que daí ia chegar o momento de partir. Então eles precisavam estar prontos pra partida, eles estavam no lugar mais sempre com aquela sensação de que era provisório e que em um dado momento eles iam ter que ir embora. Então do mesmo jeito que eles mudaram eles mantiveram as coisas por muito tempo como se tivessem sempre de malas prontas pra mudar, é como se essa rotatividade estivesse impregnado muito o modo de viver dessas pessoas. Elas não conseguiam se desvencilhar disso, pra mim aquilo foi uma surpresa, eu nunca vi ninguém morar daquele jeito como se tivesse de mudança o tempo todo. Pra vocês verem como isso vai permeando o emocional da pessoa ela acaba incorporando como se fosse o modo correto de viver porque não tem segurança, não sente firmeza nas coisas, vive sempre a mercê, como se pudesse ou tivesse rompendo de uma hora pra outra”.

A., assistente social da Cohab Santista

Capítulo IV – Atendimento Habitacional

A questão habitacional dos cortiços no município de Santos passou a ser reconhecida e observada a partir da década de 80, mas sempre com iniciativas tímidas que não representavam um atendimento efetivo a este segmento da população.

Neste sentido abordamos duas das ações que foram mais significativas no âmbito do atendimento habitacional a cortiços em Santos: PAC – Programa de Atuação em Cortiços, e o Programa Alegria Centro Habitação.

Os dois ocorreram de forma integrada, sendo que as ações de um é que determinavam as do outro. O PAC, era vinculado a CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano, e baseava-se na entrega de 113 apartamentos, em prédios construídos na região central, ou seja, próximo ao que esta população já vivia. O Alegria, tratava-se de uma adequação dos cortiços à parâmetros mínimos, impostos através de lei.

O trabalho social realizado durante a mudança das famílias dos cortiços para os prédios teve etapas como reunião de apresentação do PAC, Visitas aos apartamentos, Assinatura de Termo de opção de atendimento, habilitação e oficinas de pré-ocupação, que tinham os seguintes temas: Cidadania, Coletividade e Participação, Reflexão sobre a nova moradia: direitos e deveres, Conhecimento e Integração do Grupo e O que levar da moradia atual para a nova moradia? Qual é o condomínio que se deseja?.

A intervenção nos cortiços a partir do Alegria, está se deu a partir de ação intersetorial, com profissionais de diversas secretarias e departamentos municipais: Secretaria de Obras, Defesa Civil, Vigilância Sanitária, Secretaria de Assistência Social, COHAB, sob a coordenação da Secretaria de Planejamento. O objetivo foi avaliar cada imóvel, para assim que houver a mudança dos moradores para o prédio, os imóveis sejam lacrados. Ou seja, criar uma ação conjunta visando o início da intervenção habitacional efetiva na área central de Santos. É o resultado desta ação que vai sustentar a escolha das primeiras famílias que irão mudar para os apartamentos, e essa conciliação é que vai gerar, ou não, o sucesso dos dois programas.

A partir da inauguração dos prédios correspondentes ao PAC, nova fase se iniciou: as mudanças. Esta fase representou o fechamento de um ciclo e foi muito significativa, pois há muitos anos que se esperava por alguma ação neste sentido. Para estes moradores, ser atendidos pelo PAC

representaria uma possibilidade de melhora de qualidade de vida, como podemos perceber nas respostas que apresentavam quando eram questionados sobre o atendimento que receberam:

“Pra mim representa eu me mudar de uma lama e ir pra um paraíso, entendeu? ... Mas, porém, contudo, indo para onde eu vou, impreterivelmente, eu vou me sentir dentro de um paraíso, pode ter certeza.”

A., morador de cortiço há mais de 20 anos, servidor público, casado.

“Eu to super feliz filha, porque não é de agora não viu, é mais de sete anos nessa batalha, e você acredita que eu não acreditava? Não acreditava mesmo. No bom sentido da palavra, pra pobre tudo é muito difícil, ainda mais quando a gente não tem. A gente acha assim, tem pessoas consegue tudo, facilmente, mas tem pessoas que não. Então eu vou dizer uma coisa pra você, a primeira vez quando vocês foram na Amador Bueno, acendeu uma luzinha, mas dai depois aconteceu que pararam, ai eu já não estava mais lá, ai vão pra São Francisco, ai aconteceu mais uma vez, ai acendeu mais uma luzinha,. Ai aconteceu o que? Já não estava mais lá. Ai eu pensei, não é possível, será que eu não mereço? Não e possível, ai foi quando aconteceu porque a minha comadre conseguiu, e ela falou mas não e possível que vocês estão ai primeiro do que a gente. Eu falei Ivone quer saber, esta na mão de Deus, o homem la de cima sabe o que faz, se tiver que ser...porque eu já não acreditava mais, não acreditava mesmo, ai foi quando aconteceu de vocês aparecerem e no exato momento em que eu estava chegando do serviço. Ai eu não acreditei. Então eu estou super feliz, eu espero que de certo e eu peço a Deus todo o dia pra que ele me ajude. Então eu estou super feliz e espero que as pessoas também de o máximo de si pra ficarem tudo muito bem aqui.”

M., moradora de cortiços há mais de 30 anos, doméstica, e hoje seus filhos e netos também moram em cortiços.

“Esse prédio ai, que é uma oportunidade que estão dando pra gente, com uma prestação mais barata. Então pra mim, é a melhor condição que a prefeitura podia dar. É a oportunidade pra gente pagar a moradia mais barato. Igual está acontecendo agora.”

P., morador de cortiço há 2 anos, trabalhador do porto, casado, três filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, por ter sido feita junto ao processo de implantação dos programas analisados, e por termos a oportunidade de estarmos participando na prática através das atividades do estágio, gerou reflexões que culminaram neste trabalho.

Através dele, conseguimos captar o modo de vida desta população, a partir de depoimentos, que nos fizeram enxergar quais os aspectos dificultadores e facilitadores para compreender esta realidade.

O que nos ajudou muito foi compor o referencial teórico com conceitos de profissionais de diversas áreas, com visões diferentes, mas que acreditam, e se esforçam de alguma forma, para a mudança desta realidade.

Percebemos que o processo histórico que instituiu esta forma de habitar no município, fez com que ele se tornasse uma cultura, e se mantivesse por mais de um século compondo a malha urbana da cidade, e cada vez mais se consolidando.

A dinâmica existente nos cortiços gera muita lucratividade para os que o exploram como fonte primária ou secundária de renda, em detrimento da miserabilidade e pobreza de outros, que vêm nos cortiços a única opção de moradia. Acabam se expondo a este modo de vida, e auxiliando para que ele se perpetue sem que mudanças significativas ocorram para alterar a situação, ou se torne melhor, gerando, através da espoliação, uma vulnerabilização da região.

Outro ponto que observamos é que ao longo dos anos, os conceitos sobre cortiços foram evoluindo, sendo que hoje, diferente de outrora, muitos autores levam em consideração a população residente, e o território estabelecido neste micro-espço. Porém, a questão dos cortiços na cidade continua tendo a mesma complexidade, sendo que os aspectos urbanísticos ainda são mais relevantes quando se estuda esta condição de moradia. Com os moradores, quando questionados sobre o que era o cortiço, sem titubear, eles respondiam, pois relacionavam com suas vidas, sua história e seu cotidiano.

Por isso, quando analisamos este contexto, mesmo tendo como foco a habitação, não conseguimos deixar de abordar os aspectos subjetivos, por compreender que é impossível olhar para tal realidade sem levar em conta este ponto de vista, pois são coisas imbricadas, que quando analisadas separadamente tornam-se incompletas e parciais.

Um destes pontos é a criação dos vínculos que se estabelece entre os moradores, pois para o profissional que atua com esta demanda é fundamental que se compreenda e valorize esta relação de solidariedade para poder potencializar e basear suas ações em cima disso. Uma ação com esse viés pode gerar bons resultados visando efetividade e eficácia, por reconhecer aspectos pouco trabalhados quando se lida com estes sujeitos.

O processo de implantação dos programas aqui analisados foi muito rico e o acompanhamento que fizemos nos deu muita propriedade para fazermos uma análise crítica, por não estarmos falando de algo que está fora da nossa experiência prática, e por isso conseguimos concretizar esse aprendizado na pesquisa aqui apresentada.

Participando de todas as etapas dos dois programas, vimos que os moradores que foram atendidos, sentiam muita seriedade em relação à eles, levando em conta, que outras iniciativas que apenas cadastraram as famílias, mas que nenhuma devolutiva significativa ou atendimento concreto foi oferecido e pela primeira vez eles viam que sua necessidade de moradia seria finalmente contemplada. Isso fez com que eles participassem de tudo com muito compromisso e esperança nesta ação.

Ficou claro que os assistentes sociais que participaram deste processo foram peça chave para que ele se tornasse mais humanizado, e o fato de podermos participar desde o início, quando em 2007 foi feito o cadastro, até as mudanças dos moradores para os prédios, fez com que conhecêssemos as particularidades de cada caso, os nomes de cada usuário e seus históricos de vida.

Por fim, vimos que hoje o maior desafio é em relação ao trabalho voltado a pós-ocupação dos moradores que se mudaram para os empreendimentos, mas que levaram consigo o modo de viver pertencente aos moradores de cortiços. Por isso, os profissionais precisam criar estratégias de enfrentamento às dificuldades que surgirem, pois se essa ação for bem sucedida ela será determinante na real mudança da qualidade de vida destes moradores que foram escolhidos, numa primeira etapa, a acessar um direito humano básico: *o direito a moradia digna*.

Referências Bibliográficas

- ATUAÇÃO em cortiços em áreas de preservação histórica de Santos. São Paulo: CDHU – Gerência de Programa de Cortiços, 2006. 40p. fotos col. (Cadernos PAC,2).
- BEHRING,E. R.; BOSCHETTI, I. *Política Social: fundamentos e história*. São Paulo: Cortez, 2006. (Biblioteca Básica de Serviço Social, v.2.)
- Déficit habitacional no Brasil/ Fundação João Pinheiro, Centro de Estatística e Informações. 2. ed. – Reimpressão – Brasília, 2006.
- IAMAMOTO, Marilda. *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez: 2007.
- IBGE – acessado em 18/09/08
<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/glossario/corticis.html>
- HAHNER, June E.. *Pobreza e Política. Os pobres urbanos no Brasil - 1870/1920*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1993.
- KOGA, Dirce. *Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LANNA, Ana L.D.. *Uma cidade na transição, Santos: 1870-1913*. São Paulo – Santos, Editora Hucitec, 1996.
- Ministério das cidades
<http://www.cidades.gov.br/> - Acessado em 24/09/2008
- MOREIRA, Antônio C. M. L.; LEME, Maria C. S.; NARUTO, Minoru; PASTERNAK, Suzana. *Intervenção em cortiço: uma experiência didática*. São Paulo. FAUUSP, 2006.
- PAC – Programa de Atuação em Cortiços , pesquisa socioeconômica. CDHU. 2002. CD-ROM.
- PAUGAM, Serge. *Desqualificação Social, ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.
- PICCINI, Andrea. *Cortiços na cidade: conceito e preconceito na reestruturação do centro urbano de São Paulo*. São Paulo: Annablume,2006.
- PINTO, Rosa M. F.. *Cortiços na cidade de Santos: avaliação das condições de vida e saúde em micro espaço urbano*.
- Política Nacional de Assistência Social
www.mds.gov.br/concursos/pss-2008/pnas_final.pdf- acessado em 13/10/08
- PROGRAMA de atuação em cortiços – PAC: município de Santos. São Paulo:CDHU-SEADE, 2002. 31p. gráficos.
- RIBEIRO, Luiz C. Q.. *Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção de Moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997.
- VIVA SANTOS - O SITE DA CIDADE DE SANTOS
<http://www.vivasantos.com.br> - - Acessado em 19/06/2008